

PEDRA NO SAPATO: SEMENTES DE UMA CLASSE QUE NÃO GERMINOU¹
FLINT IN THE SHOE: SEEDS OF A CLASS THAT DIDN'T GEMINATED
PIEDRA DE ZAPATOS: SEMILLAS DE UNA CLASE QUE NO HA GERMINADO

Cesar Gomes da Silva

Doutor - UNESP

Centro Universitário Toledo de Araçatuba,
Departamento de História, Araçatuba, Brasil
cesar.silva@professores.unitoledo.br
<https://orcid.org/0000-0003-2106-5789>

Celes Januário Garcia Junior

Graduado

Centro Universitário Toledo de Araçatuba,
Braga, Portugal
celesjr@outlook.com

Cleber Manoel da Silva

Graduado

Centro Universitário Toledo de Araçatuba,
cleber_historia@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo procura investigar, à luz da teoria de EP Thompson se os trabalhadores das indústrias de calçados de Birigui formam ou não uma classe. Para isso voltamos às origens da constituição desta mão-de-obra, o seu desenvolvimento, aprimoramento e as tentativas de uma tomada de consciência, durante a década de 1990, abafada por disputas político-sindicais e pelos patrões, estes sim com consciência e objetivos comuns.

Palavras-Chaves: Consciência de Classe; Calçado; Trabalho; Birigui; E.P.Thompson.

ABSTRACT

This article investigates, in the light of the theory of EP Thompson with the Birigui's workers footwear form a class or not. For this we return to the origins of the constitution of this manpower, its development, improvement and attempts to increase awareness during the 1990s, drowned out by political disputes and the union bosses, but these with consciously and objectives common.

Keywords: Awareness of Class; Footwear; Work; Birigui; E.P.Thompson.

¹ Este artigo é resultado de pesquisa de Iniciação Científica desenvolvido junto ao curso de História (Unitoledo).

RESUMEN

Este artículo busca investigar, a la luz de la teoría de EP Thompson, si los trabajadores de las industrias del calzado en Birigui forman una clase o no. Para eso, nos remontamos a los orígenes de la constitución de esta fuerza de trabajo, su desarrollo, perfeccionamiento y los intentos de sensibilización, durante la década de los noventa, ahogados por las disputas político-sindicales y por los patrones, estos con conciencia y objetivos comunes.

Palabrasclave: Conciencia de clase; Zapato; Trabajo; Birigui; E.P. Thompson.

INTRODUÇÃO

Birigui, cidade situada no noroeste paulista distante 510 km da capital de São Paulo se diferencia das demais cidades da região devido à grande industrialização. Seu parque industrial conta com grande variedade de indústrias: moveleira, vestuário, metalurgia, materiais elétricos, embalagens e é claro a indústria calçadista.

Diferentes publicações, entre artigos, monografias, dissertações, livros e revistas, nos mostram a trajetória da industrialização calçadista em Birigui abordando: os pioneiros; o porquê da especialização em calçados infantis; a falta de mão-de-obra qualificada nos primeiros anos e outros assuntos de maneira satisfatória.

Porém, a força motriz e peça-chave imprescindível de todo este processo raramente é mencionada nestes trabalhos: o trabalhador calçadista de Birigui. Uma exceção considerável é a publicação de Rizzo (2005) que sucintamente, por um lado, demonstra a formação do primeiro sindicato e do desastroso movimento grevista de 1994, por outro não aponta o processo que antecedeu este movimento e seus desdobramentos.

Em razão disso, certas questões são colocadas tais como: quem é este trabalhador? De onde veio? Quais são seus anseios? Ele tem consciência de seu papel no desenvolvimento das indústrias de calçados de Birigui? Existe uma classe calçadista em Birigui?

Desse modo, com o intuito de responder minimamente tais questões, elaboramos este artigo. Para isto houve uma necessidade de buscar uma base teórica que pudesse dar conta de responder tais questionamentos. Daí a opção pela abordagem histórico-social de E. P. Thompson.

Isso porque, se o historiador britânico E.P Thompson defende que a classe trabalhadora se fomenta na tomada de consciência e na luta pelos direitos podemos considerar que, os

trabalhadores calçadistas de Birigui formam ou não uma classe de trabalhadores. Logo, o objetivo geral da presente pesquisa é analisar historicamente quem é este trabalhador das indústrias calçadistas. Pretende dessa maneira, compreender a origem e o perfil do trabalhador, assim como seus anseios e expectativas quanto ao futuro dentro das indústrias de calçados, tendo como base teórica, o conceito de classe defendido pelo historiador britânico E.P Thompson.

Thompson foi um dos mais influentes historiadores do Século XX. Marxista, integrante da chamada Nova Esquerda Inglesa, juntamente com Eric J. Hobsbawm, Rodney Hilton e Christopher Hill. Porém, Thompson vai além do Marxismo Ortodoxo, revisando e redefinindo o conceito de classe comumente estabelecido até então. Este conceito mais conhecido refere-se ao conceito de classe social marxista.

Esta afirmação mostra que as classes se constroem a partir das relações de produção. Nela há um grande antagonismo entre os detentores dos meios de produção, a chamada burguesia e o proletariado, onde estes, portadores apenas a sua força de trabalho. Este conceito, particularmente, leva em conta a questão econômica como fator primordial para a formação destas classes. Contudo para Thompson, a classe não é formada apenas com base em fatores econômicos. Há outro fator importantíssimo, o cultural. Somente com a convivência em grupos sociais que dividem os mesmos valores, ideais e aspirações é que pode surgir a consciência de classe.

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe. Podemos ver uma lógica nas reações de grupos profissionais semelhantes que vivem experiências parecidas, mas não podemos pregar nenhuma lei. A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma. (THOMPSON, 1987, p10).

Portanto, para Thompson, classe e consciência de classe são inseparáveis. É um conceito formado na vivência cotidiana dos grupos sociais. A classe não existe sem consciência. A capacidade de se identificar e compartilhar interesses em comum são o que para Thompson forma a classe.

A partir deste conceito defendido por Thompson e da História vista de baixo, à contrapelo, iremos identificar se está consciência de classe existe ou não entre os trabalhadores das indústrias de calçado de Birigui. Se existe como e quando foi formada, se não existe, o porquê desta não existência.

O presente trabalho tem como objetivos específicos analisar a formação da mão-de-obra calçadista em Birigui no início da industrialização nos anos 60 e 70 do Século XX, a relação patrão x empregado durante a consolidação de Birigui como polo calçadista e as primeiras tentativas de associações da categoria e as primeiras greves na cidade. Também faremos uma análise da maior greve ocorrida no setor calçadista de Birigui no ano de 1994, a possibilidade da formação de uma classe, segundo a teoria de Thompson, as disputas políticas por trás do movimento grevista e os motivos do fracasso do mesmo.

Por fim será traçado um perfil atual do trabalhador calçadista, em Birigui, suas origens, seu anseio e perspectiva de futuro dentro das indústrias de calçado de Birigui.

Como citado acima toda a análise historiográfica deste artigo terá como base a teoria de classe defendida por E.P Thompson. Contaremos também com bibliografia complementar: livros, artigos, sites e periódicos, além de entrevistas com personagens que viveram o antes e o depois da greve de 1994.

A história oral não é, isoladamente, a base do presente estudo, porém é de vital importância, pois, traz depoimentos importantíssimos de pessoas que viveram toda a efervescência da formação de uma associação e posteriormente de um sindicato de trabalhadores calçadistas em Birigui e de toda a luta por melhores condições de trabalho por estes trabalhadores.

Também faremos o uso de questionários respondidos por trabalhadores “chão-de-fábrica”, com o intuito de traçar um perfil atual deste trabalhador.

CORTANDO AS PEÇAS O PRIMÓRDIO DA INDUSTRIALIZAÇÃO CALÇADISTA

1. formação da mão- de- obra (abundante e desqualificada) anos 60,70.

Nesta parte do trabalho faremos a trajetória histórica da indústria calçadista em Birigui, abordando a formação do operariado nesta cidade.

No fim da década de 1950, Birigui passava por uma grande transformação na sua estrutura econômica, como também acontecia em grande parte do Brasil. O país, nesta época, passava por mudanças no campo econômico com a introdução de indústrias de bens de consumo duráveis. Este fato veio acompanhado de outro fenômeno de amplitude nacional e que será a base para a constituição da mão-de-obra calçadista na cidade de Birigui: o êxodo rural. Vejamos:

Ano	População Total	População Urbana	População Rural
11950	31.018	12.550	18.468
11960	31.315	18.721	12.594

Fonte: IBGE

Com a diminuição das plantações de café e conseqüentemente o aumento das pastagens para a pecuária que crescia na região, a cidade em menos de dez anos passará a ter mais habitantes urbanos em detrimento da população rural. E é justamente neste cenário que se desenvolverá a indústria calçadista, aproveitando todo este excesso de mão-de-obra proveniente do meio rural e que agora estava à disposição.

A região sofreu com a erradicação do café, com o expressivo avanço das pastagens e da pecuária (...) e com a crescente mecanização do campo o que também impulsionou o êxodo rural (...) o município deixou de ser eminentemente agrícola até mesmo em razão da agricultura não ser mais rentável como anteriormente. A expulsão das pessoas do campo para as cidades obrigou as mesmas a se engajarem em uma nova oportunidade que, muitas vezes, estava relacionada com o setor industrial nascente, em especial o setor calçadista. (Rizzo,2005,p 50).

Roque Haroldo Bomfim, atual secretário de saúde de Birigui e um dos Fundadores do PT (Partido dos Trabalhadores) em Birigui, aponta em entrevista, de forma clara, quem era estes operários:

A classe operária² de Birigui não foi formada por pessoas que vieram de São Paulo, de Campinas, de Novo Hamburgo no Rio grande do Sul que é uma área calçadista muito grande. Então não foi feita por operários formados, com conhecimento. A classe operária de Birigui foi formada por meeiros, arrendatários, filho de meeiros e arrendatários, pessoa que moravam em pequenas cidades em volta de Birigui que vieram, viram em Birigui, no início da explosão industrial em Birigui, um emprego mesmo. Pegar às 07h00min sair 05h30min ou 06h00min, ter o descanso remunerado no domingo ou no sábado. Algumas fábricas já tinham iniciado a questão da cesta básica, que não era costume na época, era velado, podemos até chamar de regalia ter um refeitório. Cada família com 4 ou 5 filhos, cada um com um salário que juntando daria uma renda familiar razoável para eles tocarem a vida, eles viram esta oportunidade. Foi assim que foi formada essa classe operária em Birigui.

2. Pespontando as Peças Cortadas-Fase Embrionária do Polo Calçadista de Birigui

Segundo Rizzo(2005 apud Zampieri (1976) outros fatores também contribuíram para que Birigui viesse a se tornar um polo calçadista: presença de pequeno capital proveniente principalmente do meio rural, ampliação do mercado consumidor do calçado infanto-juvenil, à ação do Banco de Brasil que consentia alguns empréstimos e financiamentos, à malha rodoviária e a disponibilidade de mão-de-obra de origem rural.

A indústria de calçados em Birigui surge neste cenário, onde havia, mesmo que modesto, um incentivo do estado para a consolidação de indústrias no Brasil.

No início da industrialização calçadista em Birigui, como é de se imaginar, não havia uma mão-de-obra especializada em calçados à disposição dos empresários locais. Era acirrada a disputa pela rara mão-de-obra especializada à disposição em uma época em que praticamente todo processo produtivo era feito manualmente, isto é, não havia a automação disponível atualmente em diversos setores da produção, o que aumentava a dependência por funcionários mais especializados.

A solução para esta falta de mão-de-obra era treinar funcionários nas próprias fábricas em um processo que durava no mínimo seis meses. Porém, algo peculiar acontecia. Estes primeiros funcionários treinados nas fábricas de Birigui passavam a sofrer assédios por parte

² O conceito de classe apresentado pelo entrevistado difere-se do conceito defendido por Thompson.

de outros empresários locais que lhes prometiam maiores salários, caso fossem trabalhar para eles.

É claro que o empresário que havia treinado este funcionário e o perdia para outro não ficava nada satisfeito com a situação, pois havia todo um investimento de tempo e dinheiro na formação deste funcionário. Muitos casos acabavam virando casos de polícia.

O jornal O Birigüense em matéria de 1968, mostrou a disputa por mão-de-obra qualificada entre as fábricas de calçados de Birigui. O motivo do conflito era a disputa entre algumas firmas por trabalhadores experientes, a concorrência por trabalhadores chegou a ponto de as empresas prometerem inúmeros benefícios para que os técnicos mudassem de emprego (...). O problema foi parcialmente resolvido por meio da intervenção da promotoria e do juiz de direito que se reuniram com os proprietários de empresas de calçados. Na reunião ficou decidido que toda empresa iniciante na atividade poderia procurar empregados de outras fábricas até seis meses antes do início de suas atividades, depois disso, estariam enquadradas no código verbal de ética. Uma relação nominal de todos os empregados do município seria enviada para a Associação Comercial de Birigui e, no caso de um trabalhador pedir emprego em outra firma, a relação seria consultada, averiguando o motivo de sua saída. (Souza, 2006, p 58)

Esta disputa, evidentemente atrapalhou a cooperação e o desenvolvimento da empresas durante este período, lembrando que ainda não haviam representações constituídas, seja dos empresários ou dos trabalhadores. Tais representações viriam se constituir apenas no final da década de 1970. A solução encontrada para estes conflitos foi a criação, no ano de 1970, de um centro de treinamento visando a formação de mão-de-obra. A implantação desta unidade de treinamento ficou a cargo do poder público municipal e de empresários locais. Os primeiros alunos foram recrutados junto a Polícia Mirim de Birigui.

Outro fato de grande importância na formação da mão-de-obra calçadista foi a instalação de uma unidade do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) no ano de 1984. O SENAI já treinava trabalhadores na cidade de Birigui, porém em unidades móveis oriundas da cidade de Araçatuba. Estas unidades prestavam treinamento de corte e pesponto de calçados nas próprias fábricas. Após alguns anos treinando os trabalhadores por meio destas unidades móveis o SENAI juntamente com a prefeitura de Birigui e a Associação Profissional

das Indústrias do Vestuário de Birigui firmam um convenio que permitiu a implantação de uma unidade do SENAI em Birigui.

Além dos cursos de pesponto e corte a unidade passou a oferecer outros cursos voltados a área calçadista como o de gerenciamento da manufatura de calçados. Hoje a unidade do SENAI de Birigui conta com cursos em diversos segmentos além do calçadista: usinagem, manutenção de máquinas de pesponto, automação industrial dentre outros.

3. Montando o Calçado-Polo Calçadista-décadas de 1980 e 1990

A década de 1980 ficou conhecida como a “década perdida” devido à estagnação econômica pela qual o Brasil passava. Tudo devido ao endividamento externo acumulado durante as décadas de 1960 e 1970. A economia brasileira passou por vários planos econômicos e por diversas nomenclaturas na moeda nacional. Segundo Rizzo (2005) a economia nacional esteve conturbada em meio a um crise econômica, um baixo crescimento do PIB e de uma taxa de inflação muito galopante.

Apesar do quadro nacional não ser o ideal, foi durante a segunda metade da década de 1980 que Birigui se firmou como polo calçadista nacional. (Souza apud Rizzo-2005) aponta que o grande boom da indústria calçadista em Birigui se deu no ano de 1986. Nos anos seguintes o crescimento foi menor, devido às oscilações no quadro econômico nacional, porém o status de polo calçadista só veio a aumentar.

Com a chegada da década de 1990, e com o sucesso no Plano Real, o número de indústrias calçadistas em Birigui aumentou ainda mais dando à cidade o título de Capital Nacional do Calçado Infantil.

RELAÇÃO CAPITAL X TRABALHO

Com o sucesso das indústrias de calçados de Birigui no cenário nacional, seria lógico se pensar que as condições de trabalho seriam satisfatórias, porém não foi bem assim. O

operariado calçadista de Birigui se formou junto aos antigos trabalhadores rurais, expulsos do campo ao final da década de 1950, quando se deu início ao processo do êxodo rural na região. Estes trabalhadores muitas vezes tinham baixa instrução e eram pouco politizados o que os levava a aceitar as mais degradantes condições de trabalho.

Como já foi dito acima, no princípio da industrialização calçadista, a mão-de-obra era abundante e desqualificada, o que nos leva a entender que os salários pagos na época não deveriam ser muito altos. Porém esta prática de se pagar baixos salários na cidade de Birigui se perpetuou.

Durante o final da década de 1960 e começo da década de 1970, quando o trabalhador era treinado dentro das próprias indústrias e cobiçado por outras, devido ao número reduzido de mão-de-obra especializada, os salários eram ligeiramente maiores. Porém com o passar do tempo e com o aumento da disponibilidade de mão-de-obra na região, o salário base do trabalhador de Birigui foi diminuindo ano a ano até se tornar o menor salário base dentre os polos calçadistas do Estado de São Paulo nas décadas de 1980 e 1990.

Embora pouco politizados, os trabalhadores não se sentiam satisfeitos ao ver o padrão de vida dos patrões se elevar subitamente enquanto o seu permanecia estagnado. No final das décadas de 1970 e começo da década de 1980 começam a surgir em Birigui tentativas de se formar associações e sindicatos que representasse o operariado, buscando melhores condições de trabalho, de saúde principalmente salários mais dignos.

Vários trabalhadores na época perderam o emprego, devido a mentalidade retrograda dos empresários que não admitiam que os funcionários lutassem por melhores condições de trabalho.

Um caso curioso, mas não único em Birigui é o caso de Roberto Piloto. Natural da cidade de Piacatu, Piloto veio para Birigui em busca de emprego nas fábricas de calçados. Por ser uma pessoa politizada, não se conformava com as condições de trabalho nas indústrias de calçados de Birigui e junto a outros trabalhadores que compartilhavam o mesmo pensamento, fundou em 1987 um sindicato de trabalhadores calçadistas em Birigui.

Porém, esta iniciativa não vingou. Este sindicato foi boicotado, segundo Piloto, pelos empresários locais como veremos mais adiante.

OS SINDICATOS DO SETOR CALÇADISTA DE BIRIGUI

1. Esboços das primeiras associações de trabalhadores

Uma associação de trabalhadores é criada para garantir direitos trabalhistas e também para lutar por outros a serem conquistados junto aos patrões. Em Birigui não foi diferente, depois de vários anos sofrendo em condições de trabalho degradantes e baixos, ao final da década de 1970 começaram a surgir os primeiros esboços de associações de trabalhadores na cidade.

Em 17 de junho de 1979, surgia a Associação dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de Birigui, com Odair Callegari na presidência. Esta associação, além de trabalhadores da indústria do vestuário, também representava trabalhadores da indústria do calçado. No ano de 1983, esta associação recebeu a carta sindical transformando-se em sindicato. Odair Callegari, então presidente da associação é mantido na presidência Associação dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de Birigui, cargo que ocupa até hoje.

Callegari é responsabilizado pela falta de ação do sindicato junto aos patrões. Alguns opositores alegam certo peleguismo de sua parte. Em entrevista, Roque Haroldo Bomfim, atual secretário de saúde de Birigui e um dos fundadores do PT em Birigui afirma: Vale lembrar que ele está à frente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário de Birigui desde sua criação em 1979. Callegari se defende:

Eles queriam que eu formasse o partido aqui. E eu disse não. Não vou entrar na política, não vou entrar. O sindicato está engatinhando em Birigui, não dá, se eu for entrar para a política vai quebrar a estrutura. Eu não entrei, aí já viu né? Me perseguiram a vida inteira. Outra tentativa de se formar um sindicato em Birigui surgiu em 1987, desta vez a intenção foi criar uma representação exclusiva para trabalhadores das indústrias de calçados.

Roberto Piloto, hoje empresário, nos conta como foi esta experiência.

A gente não concordava com o que o outro sindicato fazia, nós achávamos que o sindicato corrompia o trabalhador. A ideia era o que, era um sindicato que realmente respondesse pela categoria do trabalhador, justamente por isso é que houve uma rejeição dos próprios empresários do calçado, porque nosso sindicato era fundamentado na CUT (Central Única dos Trabalhadores) e a CUT

sempre teve uma rejeição. Formamos a diretoria, montamos outro sindicato, a diretoria nossa foi por dois anos, mas os empresários não reconheciam o nosso sindicato. Então eles repassavam o dinheiro pro sindicato do Callegari e como não tínhamos dinheiro pra continuar, paramos o sindicato, sindicato não vive sem a contribuição.

Indagado sobre as negociações sindicais, Piloto explica :

Não tinha negociação, não se sentava numa mesa pra negociar, o sindicato vinha com uma proposta, os patrões vinham com outra. Não se tinha uma proposta dos trabalhadores, assembleia, nós precisamos negociar isto, aquilo. O que a gente achava errado era isso. O sindicato está para representar a categoria, mas a categoria tem que ser ouvida antes (...) mas o sindicato não ouvia, o sindicato sentava com o patrão e decidia quantos por cento. Não se discutia transporte, alimentação, coisas importantes para o trabalhador.

PREPARANDO O SOLO: PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES GREVISTAS

Tanto Rizzo, quanto Vedovotto, tratam em suas obras que não haviam conflitos entre patrões e empregados nas indústrias de calçados de Birigui. Tudo indicada que tais afirmações não correspondem a verdade absolutas dos fatos. Algumas manifestações e graves isoladas ocasionalmente eclodiam em Birigui. Tais conflitos eram negociados e resolvidos pelos próprios patrões e funcionários quando ainda não existiam suas respectivas representações constituídas³.

O simples fato do surgimento, em 1979, da primeira associação de trabalhadores das indústrias do calçado e do vestuário em Birigui indica a necessidade dos trabalhadores em se organizar para melhores salários e condições de trabalho. No mesmo ano os patrões também formam a sua primeira associação. Portanto afirmar que não haviam desavenças entre patrões e empregados não corresponde à realidade da época. Havia sim desavenças. O que ocorria era simples: os patrões conseguiam enfraquecer e esvaziar qualquer movimento, pois, como não tinham uma representação os trabalhadores acabavam, no fim, aceitando tudo.

³ Talvez em razão do foco e objetivos de ambos terem sido distintos do nosso, não identificaram as contradições e conflitos inerentes à relação capital x trabalho.

A GREVE DE 1994

1. A semente foi lançada, a possibilidade de uma consciência

No ano de 1994, acontece um fato que afetaria profundamente as relações entre patrões e empregados: a maior paralisação grevista já ocorrida até hoje em Birigui. O movimento grevista começou quando os sindicatos dos trabalhadores e o patronal não entraram em acordo durante o dissídio coletivo da categoria com data base em 1º de julho.

Segundo Rizzo(2005) o sindicato dos trabalhadores, presidido por Callegari, reivindicava um aumento real no piso salarial de 30% de R\$ 79,15 para R\$ 120,00 e cesta básica de 20 para 35 quilos e que os patrões não estavam aceitando. Com a chegada da data limite para as negociações e longe de um acordo, Callegari cogitava uma paralisação grevista, ante a insensibilidade dos patrões.

Alguns grupos, insatisfeitos com a administração de Callegari à frente do sindicato dos trabalhadores, aproveitaram –se para tomar a frente do movimento grevista. Pessoas ligadas a diversos segmentos da sociedade civil encabeçaram o movimento: líderes de movimentos católicos, lideranças políticas, opositoristas ao próprio Callegari, dentre outros. Roque Bomfim, afirma que os sindicalista de Franca ligados à CUT fizeram reuniões com trabalhadores de Birigui e com o próprio sindicato local, explicando que poderiam lutar por melhores salários e condições de trabalho .com isso o próprio Callegari sairia consagrado como líder da categoria, mas infelizmente este não percebeu o momento propício.

Vale ressaltar que os sindicalistas de Franca, que vieram a Birigui a convite dos opositores de Callegari e só tomaram a frente das negociações por que o próprio não queria uma paralisação. Callegari afirma que não era a hora certa para uma greve naquelas proporções, pois, a categoria não estaria pronta para isso. Então o pessoal de Franca começou a mobilizar os trabalhadores em Birigui e a organizar assembleias na praça Dr.Gama, a principal da cidade.

Callegari procurou a imprensa e declarou que havia uma perseguição à sua pessoa por não querer se filiar ao PT. Este também afirma que a intenção dos sindicalistas de Franca era tomar o seu sindicato.

Disputas sindicais à parte, os trabalhadores em assembleia geral decidiram que no dia 24 de agosto de 1994 começariam uma greve geral nas indústrias de calçados de Birigui. Detalhe, os trabalhadores ,na euforia do movimento e na esperança de grandes conquistas ,não se deram conta que não tinham respaldo jurídico para uma greve, pois o próprio sindicato local era contra a paralisação .

Mesmo com a publicação em jornais, carros de som nas portas das fábricas e outros meios de comunicação, de que a greve era ilegítima e que o sindicato patronal iria tomar as providencias previstas em lei contra os grevistas, o movimento eclodiu com uma força jamais vista na cidade de Birigui. Roque Bomfim cita que os trabalhadores chamaram a responsabilidades para si próprias e não tinha como voltar atrás.

Não há registros do número correto de trabalhadores acampados na praça Dr.Gama. Jornais falam em 500 operários, outros em nove fabricas de porte grande totalmente paradas. A verdade é que a praça se tornou o reduto dos grevistas e que a polícia estava lá para coibir possíveis desavenças.

Ao analisarmos o quadro à luz da teoria de E.P Thompson, veremos que as condições eram propícias a fomentação de uma classe trabalhadora entre os operários calçadistas de Birigui. Eles estavam conscientes de que não dava mais para continuar a ter um salário baixo e condições de trabalho inadequadas. O movimento grevista era irreversível. A semente havia sido lançada.

A SEMENTE ABORTADA

1. A classe que não aconteceu, o esvaziamento do movimento de 1994.

A semente da consciência de classe havia sido lançada em Birigui, mas porque não germinou? Quais fatos contribuíram para que o movimento grevista viesse a ser esvaziado? Algum grupo teve benefícios com os acontecimentos? Algum grupo teve prejuízos?

A greve entrara no segundo dia quando, por meio de carro de som, a Federação dos Trabalhadores das Indústrias do Estado de São Paulo, a qual o sindicato dos trabalhadores de Birigui era filiado, comunicava aos trabalhadores paralisados que a greve era ilegal e que os

trabalhadores corriam o risco de serem demitidos por justa causa, caso não abandonassem o movimento retornassem as trabalho. O carro que fazia o comunicado foi atacado por pedradas, o que fez com que a prefeitura proibisse a circulação de carros de som, tanto dos líderes grevistas, quanto do sindicato patronal. Este foi o primeiro golpe que ajudou a enfraquecer o movimento grevista ,pois diminuiu consideravelmente o poder de mobilização por parte de seus líderes.

A guerra dos números quanto aos participantes da greve também era árdua: grevistas afirmavam que o número era de cerca de 4.000 grevistas, enquanto o sindicato patronal defendia que o número não passava de 1000 trabalhadores parados.

No terceiro dia de greve, outro incidente minou o movimento grevista. Um sindicalista de Franca teria ameaçado um empresário local .O empresário lavrou um boletim de ocorrência contra o sindicalista que foi chamado para prestar depoimento sendo depois liberado. Neste dia a adesão à greve já era mais fraca e o movimento começa a esvaziar.

No dia 26 de agosto ,os dirigentes da Federação Estadual dos Trabalhadores da Industriado Vestuário e Calçados do Estado de São Paulo se reuniram com o sindicato patronal em sua sede e decidiram voltar a negociar com os trabalhadores desde que estes abandonassem a greve e os sindicalistas de Franca e a CUT deixassem o movimento.Com isto queriam demonstrar que os trabalhadores de Birigui estavam desprotegidos pela lei trabalhista.

Alguns grevistas começaram então a ser demitidos por justa causa, segundo o jornal Folha da Região de 28 de agosto de 1994. Vedovotto (1996) conta que uma estratégia bem articulada dos empresários foi demitir centenas de funcionários que estavam organizando a paralização. Também veicularam que os sindicalistas de Franca haviam organizado um movimento parecido em Franca e que mais de 13 mil funcionários haviam perdido o emprego e que tais sindicalistas moravam em verdadeiras mansões na cidade de Franca. Para isso se valeram de fotos que segundo os patrões, seriam dos sindicalistas francanos. Foi o golpe de misericórdia.

No dia 19 de agosto a CUT e os sindicalistas de Franca anunciaram que iriam se retirar do movimento. E o que poderia ser uma tomada de consciência, tornou-se uma grande decepção. A semente que havia sido plantada, não germinou. Ao que tudo indica , as disputas

político-sindicais forma um dos principais motivos do fracasso do movimento de 1994. O movimento que seria o início da constituição de uma classe, se tornou palco de disputas de interesses de grupos alheios aos anseios dos trabalhadores.

DISPUTAS DE PODER

1. Sindicatos locais x sindicato de Franca e CUT

Segundo Callegari, então presidente do sindicato dos trabalhadores de Birigui, os sindicalistas de Franca, ligados à CUT (Central Única dos Trabalhadores) vieram para Birigui com um propósito maior do que apoiar a greve dos trabalhadores. Para ele, estes sindicalistas estariam interessados em assumir o controle do sindicato de Birigui, já que a CUT dominava os sindicatos dos trabalhadores de outros dois polos calçadistas do estado de São Paulo, no caso, o sindicato dos trabalhadores calçadistas da cidade de Franca e também o da cidade de Jaú conforme expõe abaixo:

“Eles já tinham Franca, da nossa categoria e tinham Jaú só faltava Birigui. Mas quem está lá em Birigui? É o Callegari. Então vamos lá tomar dele isso aí, tá pensando... Aí, eles vieram com tudo em 94.”

A CUT, historicamente ligada ao Partido dos Trabalhadores (PT), apoiava na época a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência da república. Para Callegari os interesses dos sindicalistas de Franca iam muito além das reivindicações dos trabalhadores de Birigui, estes estariam mais interessados nos dividendos políticos. Em suas palavras:

Naquela época estávamos em uma efervescência política. O pessoal que estava encostando em sindicato naquela época estava mais interessado em fazer política do que representar o empregado. Naquela época o PT não era nada, estava se formando, e o único lugar para ele se formar era dentro dos sindicatos...

Por outro lado, Bonfim afirma que não era a intenção dos sindicalistas tomarem o sindicato de Callegari. O objetivo era conquistar melhorias para o trabalhador calçadista de Birigui. Em seu entendimento havia um contato com os sindicalistas de Franca desde a época

da pastoral operária. Assim, aqueles vieram a seu convite para ajudar na organização de um movimento em prol dos objetivos indicados. Segundo Bonfim:

O que faltou naquele momento é que o sindicato entendesse as reivindicações daqueles trabalhadores e que sentassem com a classe empresarial e fechasse um bom acordo. O que faltou foi que os dirigentes do sindicato entendessem aquele momento e fechassem um bom acordo porque nos proporcionamos condições para tanto que é: o trabalhador parado, muita gente na praça e a diretoria do sindicato negociando com o sindicato patronal. O que faltou foi entendimento que era um momento de avanço pra fechar um bom acordo porque os trabalhadores fizeram a parte deles, foi pra rua e reivindicou e como não tinha, e é por isso que é interessante da nossa parte, da parte da CUT, da parte do PT da parte nossa que estava na organização uma coisa pessoal: o objetivo era tomar o sindicato, o objetivo era formar um partido político, o objetivo é formar uma outra central, não existia nada disso. O objetivo após a organização era: reivindicar melhores condições de salário. Salário e melhorias e como não foi feita, o vácuo ficou. O trabalhador se organizou, foi pra rua, mas o final que era o objetivo nosso não foi feito porque não tínhamos a negociação, a negociação não foi feita.

Infelizmente, quem estava no fogo cruzado das disputas pelo poder sindical em Birigui era o trabalhador. Este sim estava disposta a parar a produção, ir para praça pública e reivindicar melhorias, porém, necessitava de uma representação legalmente estabelecida para isto. Foi aí que o movimento falhou. Esta representação legalizada, formalmente e juridicamente estabelecida, no caso o sindicato dos trabalhadores do vestuário e calçados de Birigui, ao que tudo indica, optou por não legitimar a paralização. E quem abraçou a causa, seja por motivos político-sindicais ou por questão de altruísmo, não tinha competência legal para isso. Sobrou o trabalhador desamparado e sem ter a quem recorrer.

OS DESDOBRAMENTOS PÓS-GREVE

1. A divisão do sindicato

Ao analisar os desdobramentos da greve de 1994, notamos que as melhorias nas condições de trabalho para os calçadistas era o que menos interessava aos grupos envolvidos. Percebemos que havia interesses maiores em jogo. Entre estes interesses, estão as permanências das lideranças sindicais no poder.

Um dos desdobramentos que mais chamam a atenção ao fim do movimento de 1994 é a divisão do sindicato dos trabalhadores. Segundo Rizzo(2005) a Federação Estadual dos Empregados nas Indústrias do Vestuário ,através de uma *intervenção branca*,dividiu o sindicato local em dois: O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Birigui que foi administrado por uma junta governativa e presidido por Shirley de Fátima Rodrigues até agosto de 1996 e o outro, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados, Confecções de Roupas, Material de Segurança e Proteção ao Trabalho de Birigui e Região, presidido por Odair Callegari⁴ até os dias atuais. Callegari conta como foi esta divisão:

Em 1994 quando o pessoal da CUT veio pra tomar o sindicato que era um só. Não ia ter jeito, eu ia perder o sindicato, por que eu estava muito fragilizado e eles estavam fazendo um trabalho muito bom de oposição, o pessoal da CUT. Como vamos nos safar dessa? Foi então que tivemos a ideia. Nós dividimos o sindicato naquele ano. Em vez de eu convocar a eleição que era aquele ano, nós fizemos uma assembleia, convocamos legalmente no jornal e com publicação no diário oficial só que lês não pegaram estavam tão empenhados na guerra que eles não pegaram. Então fizemos a assembleia e dividimos o sindicato. Foi aí que surgiu esse da Milene em 1994 e eu continuei neste antigo que estou até hoje. Ora, se você monta dois sindicatos como aconteceu naquela vez então um mandato termina ali e começa mais dois anos de mandatos provisórios de dois anos. Foi a saída que nós demos por que senão a CUT tinha levado aquele ano. Aí nesses dois anos, eu quero ver que tem bala n'agulha pra aguentar campanha de oposição mais dois anos. Aí eles acabaram desistindo.

Seja qual for o motivo desta divisão do sindicato, um detalhe chama atenção: a reprodução das mesmas lideranças a frente dos sindicatos de Birigui. Milene Rodrigues preside o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados desde 1996, dois anos após a sua fundação. Callegari, por sua vez, preside o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados, Confecções de Roupas, Material de Segurança e Proteção ao Trabalho de Birigui e Região desde sua fundação em 1994.

Vale lembrar que Callegari vem se reproduzindo no comando do sindicato desde a época da primeira associação de trabalhadores do calçado de Birigui, no ano de 1978.

⁴ Odair Callegari também ocupa hoje o cargo de vice-presidente da Federação Estadual dos Empregados das Indústrias do Vestuário do Estado de São Paulo.

Seria necessário um estudo específico sobre os sindicatos calçadistas de Birigui para dar conta de responder o porquê desta reprodução no poder das mesmas lideranças a décadas. Tudo indica que esta reprodução interfere de modo negativo nas relações trabalhistas do setor e que o trabalhador de Birigui não espera nada de bom que venha do seu sindicato.

ALGUM GRUPO LUCROU COM O EPISÓDIO?

Os objetivos da greve de 1994, melhores salários e melhores condições de trabalho não foram alcançados. As articulações entre patrões e o sindicato de Callegari que eram contrários à greve, conseguiram esvaziar o movimento. E qual o resultado desta greve? Quem lucrou com o episódio?

Em Rizzo (2005), Bomfim afirma que pode se dividir este movimento em dois momentos, um momento de ganho onde o trabalhador. O momento de ganho foi quando os trabalhadores se mobilizaram e o momento de perda foi quando os objetivos não foram alcançados.

Callegari afirma que a primeiro momento os patrões saíram ganhando, porém a longo prazo sentiram que os trabalhadores não eram mais seus parceiros, não tinham uma boa produtividade e qualidade nos produtos. Hoje o pensamento é outro, dão cursos fazem campanhas sociais. Eles se sentam e perguntam o que o trabalhador está precisando. Acabaram tomando pra si o papel que era do sindicato dos trabalhadores. Tiveram que se adaptar a novas realidades para não perder qualidade.

Após o fim da greve, os sindicalistas de Franca, resolveram não disputar as eleições do sindicato. Também não poderiam, pois após a intervenção da Federação, novas eleições demorariam dois anos. O sindicato local ameaçou, através da imprensa, processar os sindicalistas de Franca, mas não foram além. Callegari já não presidia mais o sindicato local responsável pelos trabalhadores calçadista. Um novo sindicato calçadista e uma nova diretoria havia sido criada e as negociações do dissídio de 1994 voltaram a ser negociadas ao fim de setembro de 1994.

Ao que tudo indica, quando analisamos o desfecho do movimento em questão, observamos dois grandes beneficiados da frustrada greve de 1994. Os primeiros beneficiados, sem dúvida, foram os empresários. Ao não ceder às reivindicações e consequentemente esvaziar o movimento grevista, os empresários do setor calçadista de Birigui apresentaram características genuínas de consciências de classe, buscando interesses em comum e unindo-se em torno destes. Hoje o trabalhador de Birigui não faz greve, não reivindica melhorias, aceita tais condições de maneira passiva. Ao endurecer, frente ao movimento grevista de 1994, os empresários de Birigui criaram as melhores condições para que eles sim formassem uma classe.

Outro grupo diretamente beneficiado com o fim da greve foram as lideranças sindicais de Birigui. Ambos os sindicatos formados a partir da intervenção da Federação mantêm em suas respectivas presidências, presidentes a décadas no poder, gerando desconfiança entre os trabalhadores locais. Hoje o trabalhador desconfia do sindicato, não participa de assembleias e desconhece o funcionamento do sindicato.

Tudo isso vem a corroborar para que a situação dos trabalhadores calçadista de Birigui continue a mesma a décadas: baixos salários e condições de trabalho muitas vezes inadequadas.

1. O perfil atual do trabalhador calçadista de Birigui

Em assembleia sindical, no ano de 2010, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Birigui, um fato chamou bastante a atenção. Birigui, contava com aproximadamente 19 mil trabalhadores calçadistas, segundo o sindicato, porém, havia 78 trabalhadores ao início das discussões sobre aumento salarial para o próximo dissídio coletivo. Um claro indicio de que o trabalhador não acredita no trabalho do sindicato local.

Para compreendermos melhor como pensa o trabalhador de Birigui hoje, após tantos anos do fracasso da greve de 1994, foi distribuído um questionário entre os trabalhadores. O objetivo do questionário foi traçar um perfil socioeconômico deste trabalhador e também responder, dentro do possível a algumas indagações que surgiram na fase do projeto deste trabalho. Um dos entrevistados, Bomfim afirma acerca dos trabalhadores de Birigui:

Eu não sei se estes operários estão menos ou mais informados, mas, eu não consigo enxergar estes operários organizados. Eu não tenho visto assembleia

do sindicato. Eu posso dizer que na época havia condições e fatores para eles se organizarem, hoje não existe.

Ao analisarmos os questionários, observamos várias incoerências no modo de pensar destes trabalhadores. Estes, na sua maioria, nunca participaram de uma assembleia sindical, acreditam que o sindicato não os representa de forma satisfatória e que estão insatisfeitos com seus salários e condições de trabalho. Mas, no entanto, também afirmam estarem satisfeitos em trabalhar em indústrias de calçados e afirmam não buscar melhorias junto ao sindicato.

Vários fatores ajudam a explicar esta falta de credibilidade do sindicato local. Sem dúvida, o fracasso do movimento de 1994 tem relação direta com o baixo índice. Ao que tudo indica, não há interesse imediato em que aumente a credibilidade sindical junto ao trabalhador. Tal situação ajuda a manter diretorias e privilégios há décadas.

CONCLUSÃO

Tudo indica que, por se formar a partir de antigos trabalhadores rurais, muitos sem condições de reivindicar melhores condições de trabalho, o operariado calçadista de Birigui tem hoje um dos menores salários comparados com outros polos calçadistas de São Paulo e do Brasil. De fato, o ano de 1994 é o mais importante quanto ao processo de formação do operariado calçadista de Birigui. Neste ano, os trabalhadores estavam insatisfeitos com as condições de trabalho e salários e buscaram meios para mudar a situação. Ou seja, o terreno para a luta e conscientização era fértil, todavia, os empresários, no caso, fizeram o que é de praxe dos capitalistas: negaram os pedidos de melhorias. O grande empecilho para a concretização do ideal, como tudo indica, foi a omissão por parte do próprio sindicato que até então representava a categoria. O movimento de 1994 reunia características excelentes para a formação da consciência de classe em Birigui, mas faltou por parte do sindicato reconhecer e abraçar a causa dos trabalhadores. Disputas político-sindicais também fizeram com que estas mesmas condições se voltassem contra o próprio operariado calçadista.

Hoje, os trabalhadores de Birigui são representados por um sindicato que não conta com o apoio da grande maioria dos sindicalizados. O calçadista de Birigui desconfia da instituição

que, em tese, deveria representar e lutar por seus interesses. Não participa do sindicato e muitos até nem sabem que são sindicalizados. Tudo isso ajuda a tornar os sindicatos de trabalhadores calçadista de Birigui um campo fértil para reprodução de diretorias omissas e com indícios de peleguismo.

Sendo assim, podemos considerar que, embora a semente tenha sido lançada em 1994, foi abortada. Isso porque, ao que indica, essa oportunidade foi perdida e legítima até os dias de hoje sindicatos omissos e empresários abastados.

BIBLIOGRAFIA

RIZZO, Marçal Rogério. **A Evolução da Indústria Calçadista de Birigui, um estudo sobre a capital brasileira do calçado infantil**. Boreal Editora. 2005

SOUZA, Marco Aurélio Barbosa de .**Aglomerado Calçadista de Birigui Origem e desenvolvimento(1958-2004)**. Editora do Escritor-2006.

THOMPSON, Edward Palmer. 2004. **Formação da Classe Operária Inglesa: a árvore da liberdade**. São Paulo. Paz e Terra.2004

_____.**A Formação da Classe Operária Inglesa; a força dos trabalhadores**. São Paulo. Paz e Terra.2002

VEDOVOTTO, Nalberto de Milton. **Birigui ,a Revolução que Começou pelos Pés** .Saga Editora-1998

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha ; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo:Ática.1991

JORNAIS

Diário de Birigui. Edição do dia 13/05/1994
16/05/1994
21/09/1994

Caderno Cidades. *Folha da Região* Edição do dia 14/04/1994
15/04/1994
26/04/1994
20/07/1994

29/07/1994
25/08/1994
26/04/1994
27/08/1994
30/08/1994
27/10/1994

SITES

www.sp.senai.br/birigui - acesso em 18/05/2011
www.birigui.sp.gov.br - acesso em 15/03/2011
www.ibge.gov.br - acesso em 15/03/2011
www.seade.gov.br - acesso em 18/03/2011

FONTES ORAIS

Odair Callegari: entrevista realizada em: 13/09/2010
Roberto Piloto: entrevista realizada em: 05/08/2011
Roque Haroldo Bomfim: entrevista realizada em: 08/07/2011